



Estudo 1

Florescendo em meio à sequeidão

A parábola da ovelha perdida

Neste período, vamos estudar sobre o cumprimento da ordem do Rei, baseado no capítulo 15 do Evangelho de Lucas. Lembro-me perfeitamente de quando estava fazendo um devocional e este texto me intrigou profundamente, pois Jesus usou três parábolas para, aparentemente, comunicar a mesma mensagem. Essas parábolas são muito conhecidas e, à primeira vista, parecem ter o mesmo propósito. Mas, ao refletir mais a fundo, pude extrair três ações distintas, as quais desejo compartilhar nestes estudos.

Porém, para lhe ajudar a memorizar os princípios de cada parábola, vou fazer um paralelo com uma experiência de vida que tive ao morar em Brasília, no Distrito Federal. “Situada no Centro-Oeste brasileiro, Brasília recebe influência do clima que predomina nessa região. Esse clima possui duas estações bem definidas: um verão chuvoso e um inverno seco.

A temperatura média de Brasília varia entre 13°C e 28°C. Essa grande amplitude térmica ocorre devido à altitude da região, que pode chegar a 1.300 m acima do nível do mar. As chuvas concentram-se entre outubro e abril, período em que há maior precipitação no Centro-Oeste do Brasil. Entretanto, pode haver períodos de três a cinco meses sem cair uma gota d’água na região.”¹

Durante esse período de seca, a umidade relativa do ar chega a ficar abaixo de 12%, o que caracteriza alerta de “Grande perigo” de incêndios florestais e à saúde. Com isso, o DF fica mais seco do que o deserto do Saara, na África, por exemplo, onde a umidade costuma variar entre 14% e 20%. Esse é um período de muitas queimadas, e a paisagem da região se torna cinzenta e árida.

Porém, no meio dessa sequeidão, algo extraordinário acontece no DF: a floração do ipê. Um dos maiores espetáculos do Cerrado, a floração do ipê é um verdadeiro alento em um período em que a região Centro-Oeste é castigada pela estiagem. Em meio a queimadas, essa planta típica do cerrado brasileiro floresce com suas cores vibrantes, trazendo vida e beleza ao cenário desolador.

Baseado no ipê, que floresce em meio à sequeidão, Deus ministrou algo poderoso ao meu coração por meio das parábolas de Jesus relatadas pelo médico Lucas no Evangelho escrito por ele, e quero utilizar um acróstico (acróstico é uma composição escrita em que são formadas palavras ou frases a partir das primeiras letras de uma palavra) com as letras da palavra ipê (I-P-E) para ilustrar as três ações que devemos ter para cumprir a ordem do Rei e florescer em meio à sequeidão espiritual da nossa geração.

A parábola da ovelha perdida

“Então Ihes contou esta parábola: Qual de vós, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no campo e não vai atrás da que se perdeu, até encontrá-la? E, quando a encontra, coloca-a sobre os ombros, cheio de alegria; e, chegando em casa, reúne os amigos e vizinhos e Ihes diz: Alegrai-vos comigo, pois encontrei a minha ovelha perdida. Digo-vos que no céu haverá mais alegria por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento” (Lc 15.3-7).

Para entendermos esta parábola, precisamos avaliar algumas características das ovelhas:

Falta de defesas naturais: As ovelhas não têm garras, dentes afiados ou veneno para se defenderem. Elas também não são particularmente rápidas, o que as torna presas fáceis para predadores.

Instinto de fuga limitado: Embora as ovelhas possam tentar fugir quando ameaçadas, sua velocidade e agilidade são limitadas em comparação com muitos predadores, o que diminui suas chances de escapar.

Dependência de orientação: As ovelhas têm um senso de orientação fraco e tendem a se perder facilmente. Elas dependem de um pastor ou líder do rebanho para guiá-las a pastos seguros e fontes de água.

Susceptibilidade a acidentes: Até mesmo o simples ato de beber água pode ser perigoso para as ovelhas. Elas podem cair em rios ou correntes de água, onde seu pelo absorve água rapidamente, fazendo com que afundem.

Falta de inteligência para sobrevivência: As ovelhas não são conhecidas por serem animais muito inteligentes em termos de sobrevivência. Elas podem facilmente se colocar em situações perigosas sem perceber os riscos.

Com estas informações, conseguimos entender por que as ovelhas precisam de um pastor para cuidar delas, protegê-las de perigos e guiá-las em segurança.

A ovelha é um animal vulnerável, e quando ela se desgarra ou se afasta do rebanho, não pode ser considerado um ato de rebeldia, tampouco um ato de coragem. Talvez, a distração, que, segundo o dicionário, é a falta de

concentração dos sentidos no que se passa à volta; desatenção, seja a melhor definição para entendermos esse comportamento.

Por conhecer bem as características das ovelhas, o pastor sabe que essa ovelha não sobreviverá sozinha e, por isso, vai atrás dela para resgatá-la e trazê-la de volta ao lugar de segurança. Na parábola que estamos estudando, ao encontrar essa ovelha, o pastor coloca-a sobre os ombros, cheio de alegria, e comemora o resgate por ter encontrado a sua ovelha perdida.

Agora, analisando a nossa própria vida e os nossos comportamentos, quantas vezes nós também nos distraímos com as coisas ao nosso redor e nos afastamos do lugar seguro que Deus separou para nós? Nesta parábola, aprendemos que nosso Bom Pastor, Jesus Cristo, nos conhece, e é confortante saber que ele está sempre disposto a IR atrás de nós, nos resgatar e nos trazer de volta.

Todavia, como embaixadores, a ordem do Rei nos lembra que também somos usados por Deus para IRMOS atrás dessas ovelhas que se distraem pelo caminho. A nós foi confiado o ministério da reconciliação (2Co 5.20) e o IDE (Mt 28.19,20) para sermos agentes desse resgate. Onde quer que essas vidas estejam agora, Jesus está nos ordenando a IR alcançá-las e resgatá-las, cuidar delas e trazê-las de volta ao convívio com ele.

Por isso, a primeira ação e a primeira letra do nosso acróstico é a letra I de IR. Precisamos IR atrás das ovelhas perdidas.

PIERRI MOREAU é pastor presidente da Igreja Batista Central de Sepetiba, Rio de Janeiro, RJ) e professor de Educação Física, Filosofia e Sociologia. Formado em Educação Física pela UFRJ, em Filosofia pela UniCV, bacharel em Teologia e pós-graduado MBA em Teologia pelo STBSB. Casado com Michele e pai da Lizzie, da Sarah e do Noah.





Estudo 2

Florescendo em meio à sequidão

A parábola da dracma perdida

Dando continuidade ao nosso estudo das parábolas de Jesus descritas por Lucas no capítulo 15 do Evangelho de sua autoria, estudaremos neste mês a parábola da dracma perdida.

A parábola da dracma perdida

“Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma delas, não acende a candeia e não varre a casa, procurando com cuidado até encontrá-la? E, quando a encontra, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu havia perdido. Eu vos digo que assim há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lc 15.8-10).

Para uma melhor compreensão do exemplo usado por Jesus, precisamos primeiro entender o que era a dracma. A dracma era uma moeda de prata usada nos tempos do Novo Testamento, especialmente na região da Palestina. Geralmente, uma dracma era equivalente ao salário de um trabalhador comum por um dia de trabalho. Esse valor aproximado é semelhante também ao denário romano, outra moeda comum naquela época.

Nos dias atuais, chamamos esse tipo de remuneração de diária, ou seja, o valor pago a um trabalhador como recompensa por algum serviço prestado durante um dia. Esse formato de pagamento é muito comum entre trabalhadores da construção civil, como pedreiros e seus auxiliares, e trabalhadores domésticos, como, por exemplo, diaristas e passadeiras.

Na parábola, vemos que a mulher possuía dez dracmas, ou seja, um montante que representava dez dias de trabalho realizado. Por isso, ao per-

der uma dessas moedas, ela não poupa esforços até encontrá-la. Não sei como você reage quando perde alguma coisa, mas eu também me esforço ao máximo para encontrar o que perdi.

Assim como essa mulher, algumas vezes perdemos coisas dentro da nossa própria casa. Quem nunca perdeu o celular dentro de casa e tentou ligar para ele, porém, a bateria tinha acabado ou ele estava no silencioso? Perder a chave de casa também é algo bem clássico. Um grande transtorno é quando perdemos documentos.

Espero que você não seja um daqueles embaixadores que nunca sabe onde está a sua identidade de ER quando estamos às vésperas de um congresso ou acampamento. Fato é que, mesmo sabendo que aquilo que estamos procurando está dentro da nossa casa, a sensação de que está perdido não muda.

Assim foi com aquela mulher. A dracma estava dentro da sua casa, mas estava perdida. O texto revela com riqueza de detalhes toda a ação dela. Primeiro, ela acende uma lâmpada. Com isso, ela traz luz e dissipa a escuridão. No Evangelho de João 1.5, diz que “a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela”. Seria muito mais difícil encontrar algo na escuridão, por isso, ela traz luz para o ambiente, e assim também devemos fazer quando há algo precioso perdido dentro de casa: trazer luz. Quando falamos de vidas, precisamos nos lembrar do que diz o Salmo 119.105: “Tua palavra é lâmpada para meus pés e luz para o meu caminho”. Trazer luz, nesse caso, significa trazer a Palavra de Deus, que é a fonte que vai dissipar as trevas.

Outra ação daquela mulher que o texto descreve é que ela varre a casa. Varrer a casa tem a ver com limpeza.

Para encontrar o que era precioso para ela, a mulher resolve tirar toda a sujeira. Imagino que ela começa uma grande faxina: varrer, passar pano, arrastar os móveis, olhar embaixo e atrás das coisas. O texto diz que ela procura cuidadosamente até encontrar a sua moeda.

Talvez, o leitor menos atento ou lendo fora do contexto poderia pensar: “Tanto esforço e trabalho por uma moeda, tendo ela outras nove. Por que tudo isso?” Talvez, esta seja uma das reflexões que Jesus gostaria que tivéssemos. Assim como uma única moeda importava para aquela mulher, assim também uma única vida importa para o Senhor.

Como essa mulher na parábola, precisamos fazer todo esforço para procurar aquilo que está perdido em nossa vida, dentro das nossas casas ou até mesmo em nossas igrejas. Essa parábola nos ensina que, mesmo estando dentro de casa, dentro da embaixada ou dentro da igreja, temos vidas que são preciosas, porém, estão perdidas e precisam ser achadas.

Por isso, a segunda ação e a segunda letra do nosso acróstico é a letra P de PROCURAR. Como embaixadores do Rei, precisamos PROCURAR as vidas que estão perdidas também dentro de casa. Somos chamados para representar e levar o reino dos céus em nossas escolas, nossas ruas, condomínios, mas, também, dentro das nossas casas e até mesmo na igreja.

No livro de Atos dos Apóstolos, o apóstolo Paulo, ao ser questionado pelo carcereiro acerca do que era necessário fazer para ser salvo, responde dizendo: “Crê no Senhor Jesus, e tu e tua casa serão salvos” (At 16.31). Por isso, ao decidirmos entregar a nossa vida a Jesus, ao confessarmos Jesus Cristo como nosso único e suficiente Senhor e Salvador, temos essa palavra de salvação também para nossa casa.

Firmados nesta verdade, vamos fazer como aquela mulher: vamos trazer luz onde há trevas. Vamos tirar toda sujeira do pecado, vamos limpar o que está sujo e vamos fazer todo esforço para PROCURAR as almas perdidas até encontrá-las.

Lembre-se, embaixador, a sua vida, a vida dos seus familiares, a vida dos seus amigos, a vida dos seus vizinhos, cada vida é valiosa para Deus. Mesmo quando estamos perdidos, ele não desiste de nós e celebra quando somos encontrados.

Portanto, para cumprirmos a ordem do Rei e florescermos em meio à sequeidão como o Ipê, já aprendemos no mês passado com a parábola da ovelha perdida que devemos IR atrás das almas perdidas. Neste mês, aprendemos com a parábola da dracma perdida que devemos PROCURAR as vidas perdidas que estão dentro de casa também. Com isso, já temos reveladas as duas primeiras letras do nosso acróstico: I (ir) e P (procurar).

PIERRI MOREAU é pastor presidente da Igreja Batista Central de Sepetiba, Rio de Janeiro, RJ e professor de Educação Física, Filosofia e Sociologia. Formado em Educação Física pela UFRJ, em Filosofia pela UnicV, bacharel em Teologia e pós-graduado MBA em Teologia pelo STBSB. Casado com Michele e pai da Lizzie, da Sarah e do Noah.

